

Miguel Real

EDUARDO LOURENÇO
OS ANOS DE FORMAÇÃO
1945-1958

Título: Eduardo Lourenço — Os Anos da Formação
(1945-1958)

Autor: Miguel Real

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: Departamento Editorial da INCM

Revisão do texto: Paula Lobo

Tiragem: 800 exemplares

Data de impressão: Fevereiro de 2003

ISBN: 972-27-1199-7

Depósito legal: 191907/03

*Para a FILOMENA, o DAVID e a INÊS,
com muito amor.*

*Para a CECÍLIA BARREIRA,
com forte amizade.*

*Para a ANA PAULA DIAS, o HENRIQUE LEVY,
a MANUELA GOUCHA SOARES e a TERESA OLIVEIRA,
em memória dos nossos jantares.*

É todavia difícil suportar continuamente a ideia de que o mundo, a história, os valores e os outros são para nós a criação do acto de liberdade pelo qual os aceitamos ou combatemos. A tentação suprema é a de nos despirmos dessa terrível liberdade, alienando-nos para descansar no mundo dos objectos ou no mundo dos deuses. Fácil é ser definitivamente animal ou deus. Difícil é assumir a realidade monstruosa de superar um e combater com outro.

Como é uma esfinge, como é um homem.

EDUARDO LOURENÇO, *Esfinge ou a Poesia*, 1951.

APRESENTAÇÃO

Em Portugal, os estudos biográficos têm sido considerados como um género menor dos estudos históricos e literários. Verdadeiramente, de poucos eminentes vultos da nossa cultura possuímos uma biografia rigorosa que se possa considerar definitiva. Paradoxalmente, este desinteresse — certamente com raízes culturais — é tanto mais estranho quanto é, entre nós, excelente a prática da historiografia e quanto são excelentes em obras inúmeros historiadores portugueses.

Se o género biográfico se encontra desqualificado em Portugal — e esta desqualificação mede-se, por exemplo, pela inexistência de uma autêntica biografia do P.^e António Vieira trezentos anos após a sua morte —, a biografia intelectual — espécie menor no interior de um género menor —, essa, não pode deixar de assemelhar-se à sombra de uma sombra ou ao eco de um eco. No caso deste ensaio, porque apenas problematiza treze anos da biografia intelectual de Eduardo Lourenço, tratar-se-ia, então, de um eco de um eco de um eco. Porém, como estes treze anos (1945-1958) correspondem aos momentos iniciais do seu pensamento, permitindo-nos assistir às fontes de água pura ou às influências vivificantes donde o rio da sua teoria emergiu criativamente, então este livro teria captado o momento originário em que, em Eduardo Lourenço, ainda existindo muito de Leibniz, de Hegel, de Kierkegaard, de Nietzsche, de Sartre, apenas existe porque já foi subsumido ou integrado numa teoria nova a que verdadeiramente se designará pela tese ou teoria de Eduardo Lourenço. Assim, o estatuto deste ensaio não consistiria já em ser o eco de um eco de um eco — coisa insignificante, portanto —, mas, sim, o de ser um só e vibrante eco, um eco íntegro e unísono, capaz de fielmente ter re-

produzido a voz originária do jovem Eduardo Lourenço entre os 22 e os 35 anos de idade.

A biografia intelectual desenha o percurso evolutivo de um pensador, tanto evidenciando as influências exteriores dominantes, que lhe inclinam o estilo e a selecção de temas ano a ano ou década a década, como, face à constelação de conceitos que o influenciam, evidencia igualmente o modo como o mesmo pensador se libertou de teorias alheias para construir a sua própria e em que ano a criou e como a aplicou a diferentes sectores configurativos do saber. Assim, a biografia intelectual é nitidamente inferior, em alcance social e em registo histórico, à biografia como género, ou, se se quiser, é apenas parte de um todo. Porém, se romanticamente partilharmos a tese de Leibniz e de Jorge Luis Borges de que não existe História mas apenas biografias — como verdadeiramente cremos —, ou que a História é o modo por que designamos o cruzamento autónomo de inúmeras biografias — como tão claramente o mostra o cinema americano (cf. Eduardo Geada, *Os Mundos do Cinema*, Lisboa, Ed. Notícias, 1998) —, então, curiosamente, o que era um género menor transforma-se no campo de estudos que autenticamente ilumina o que habitualmente designamos por História, ou seja, de espécie menor transforma-se em género maior. Se esta tese fosse verdadeira, e para além das explicações certas mas avulsas e conjunturais enunciadas por Maria Filomena Mónica (cf. Eça de Queirós, Lisboa, Quetzal Eds., 2001, p. 8, e a introdução ao número temático «Biografias» de *Análise Social*, n.º 160, Outono de 2001), estaria assim explicada a razão por que os estudos biográficos em Portugal são tão maltratados: é que, com notórias excepções — mais no campo das artes, da descoberta, da aventura, do que no campo da política e da sociedade —, não temos tido homens individuais à altura de uma Biografia, mas inúmeros homens cujo conjunto cruzado das suas vidas formam a História. Não escrever biografias por hábito seria, deste modo, recusar vermos a nós próprios, tal como nos descrevem Teixeira de Pascoaes, Alexandre O'Neill, António José Saraiva, Agostinho da Silva, Eduardo Lourenço: uns videirinhos — negativo — que conseguiram ir à Índia — positivo —, como se recalcando o indivíduo (apenas enaltecido em curtíssimos e minoritários momentos da nossa História, um dos quais, e fortemente, temos o privilégio de viver no presente) o todo do colectivo e a sua gesta histórica brilhassem mais fortes. Mas não brilham, apenas ampliam o espaço iluminado, como se toda a História fosse uma imensa feira popular de luzes racionais onde nunca é possível estar face a face com a natural escuridão da noite.

*Ora, é esta natural escuridão da noite que o historiador do colectivo presume desconhecer, como se à luz sucedesse a luz, a sociedade à sociedade, o tempo breve ao tempo breve, a estrutura à estrutura; e o que, por contraste, permite que a luz seja luz e a sociedade seja sociedade — o indivíduo e o seu esforço para transformar a sua vida num destino — restasse apagado e, para a História, desvitalizado. Assim, os estudos biográficos teriam por objectivo historiográfico resgatar da natural escuridão da noite, onde se fundem numa amálgama contingente os impulsos vitais de uma vida singular (como a exemplar «biografia» de Vieira de Castro escrita por Vasco Pulido Valente evidencia — Glória, Lisboa, Gótica Ed., 2001), a series rationum ou o nexo lógico e luminoso pelo qual, encontrado, estruturado e descrito, se diz de uma vida ser ou ter sido *Obra e Destino*. Como exemplo de biografia intelectual, servimo-nos do mais que admirável trabalho de Martial Gueroult sobre o pensamento de R. Descartes, Descartes selon l'Ordre des Raisons (Paris, Éd. Aubier-Montaigne, 1953, 2 vols.).*

É forçoso que apresentemos aqui o resultado deste trabalho, que constitui a dissertação de mestrado do autor em Estudos Portugueses na Universidade Aberta, então excelentemente dirigido pelos professores Maria José Ferro Tavares e António Augusto Tavares, a quem presto o meu preito de reconhecimento. Permita-se-nos que o apresentemos em dois pontos diferenciados: 1. para Eduardo Lourenço, os anos entre 1945 e 1958 são, indubitavelmente, anos de procura, de incessante leitura e comentário de obras de escritores e de filósofos, mas também são anos de libertação da influência da filosofia dialéctica (hegeliana e marxista) e do constante apelo/recusa a uma certa escrita e estilo neo-realista; 2. para Eduardo Lourenço, as décadas de 40 e 50 foram, indubitavelmente, as décadas de formação do seu pensamento através de um duplo encontro: a) encontro com a poesia de Orpheu; b) encontro com a filosofia do movimento existencialista. O primeiro encontro define duradouramente o seu modo singular de classificar e estruturar os movimentos poéticos e estéticos em Portugal, bem como exprime, no âmbito de uma teoria da cultura, o modo de ser particular dos portugueses como animados de um irrealismo prodigioso; o segundo encontro solidifica a convicção de que a época contemporânea se define pela ausência de um Absoluto fundamentador e fundador de toda a actividade humana, é uma época centrada num Nada ontológico, cujo vazio constitutivo gera o sentimento do trágico. Decadência, modernidade e sentimento do trágico constituem, assim, os três conceitos centrais do pensamento filosófico do jovem Eduardo Lourenço.

Na escrita desta biografia intelectual do jovem Eduardo Lourenço tentámos desvelar, capítulo a capítulo, a series rationum do pensamento do autor, percorrendo-o ano a ano, através da leitura da sua obra, captando tanto o nexu interno quanto os momentos deste desviantes em certos períodos (caso do ano de 1947 face aos dois anos anteriores e caso de 1952, ano em que a heterodoxia se transforma em arracionalidade).

Assim, o primeiro capítulo evidencia um jovem Eduardo Lourenço, entre 1945 e 1946, praticando uma crítica literária impressionista em Vértice, sem a utilização da sua formação filosófica. Será, talvez, o capítulo mais fraco, já que o material a trabalhar nem sequer anuncia (com excepção da crítica a Casa da Malta, de Fernando Namora) o futuro pensamento do autor.

O segundo capítulo — 1947 — regista o que designámos por «revolução intelectual do jovem Eduardo Lourenço», querendo com tal enfatizar que terá sido este o ano em que as duas vertentes dos seus estudos — Literatura e Filosofia — se vinculam a uma só raiz cultural e civilizacional, vinculação e fusão que passam a estar presentes em todas as suas obras.

O terceiro capítulo — 1948 — evidencia já esta vinculação entre Literatura e Filosofia, subordinando aquela à interpretação filosófica e fundindo ambas numa teoria geral da cultura contemporânea, expressão, por sua vez, de uma teoria geral da civilização ocidental.

O quarto capítulo — 1949 — analisa as influências filosóficas do jovem Eduardo Lourenço patentes em Heterodoxia I, bem como o esforço (mais esforço que realização conseguida) que este manifesta em libertar-se da dialéctica hegeliana através dos estudos de Leibniz, Kant e Bergson. Analisa também o modo como o autor perspectiva a história da cultura portuguesa.

O quinto capítulo — 1951 — evidencia a aplicação generalizada das teses sobre a heterodoxia aplicadas à história da cultura portuguesa, ao conceito de liberdade e à poesia. É deste ano um dos mais importantes artigos da obra de Eduardo Lourenço, «Esfinxe ou a poesia», que se pode sintetizar na seguinte frase, como que iluminadora de toda a sua obra desde então — o tempo de um Absoluto transcendente ao homem já passou, o absoluto é hoje idolatricamente o próprio homem, e a grande Poesia, como a grande Filosofia, sobrevivem enquanto expressões inquietas e desesperantes pelas quais a contemporaneidade tenta ambiguamente registar o momento auroral em que a humanidade e o Absoluto (a divindade) se iluminavam mutuamente.

O sexto capítulo — 1952 — evidencia o momento em que o pensamento do jovem Eduardo Lourenço, de heterodoxo na sua raiz, se torna arracional na sua expressão: a fragmentação e a multiplicação do eu em Fernando Pessoa, a ética do corpo e do mal em Sade e a filosofia da decadência em Cioran, constituem três temas e três autores privilegiados este ano.

O sétimo capítulo — 1952-1956 — trata especificamente da análise do jovem Eduardo Lourenço sobre o movimento existencialista europeu, escrevendo artigos para Revista Filosófica, de Coimbra, que, mais tarde, em 1967, serão publicados em Heterodoxia II. São os anos nos quais, à influência de Leibniz e Nietzsche na vertente ontológica e de Kant na vertente ética (principalmente o obsessivo tema da liberdade), se deve acrescentar a influência de Kierkegaard — possivelmente, o filósofo que mais influenciou o pensamento de Eduardo Lourenço — e da dupla Sartre/Camus. A teoria da decadência, já tematizada desde 1948 em Seara Nova, deve juntar-se a emergência, entre estes anos, de uma verdadeira teoria do trágico ou do sentimento do trágico como expressão da cisão ontológica entre homem e Absoluto, entre homem e homem, homem e realidade e homem e linguagem, como se o homem actual, dotado de uma aparente ilimitada liberdade, não conseguisse reconhecer-se nos seus produtos porque não reconhece a sua própria face humana como descendente e continuador da antiga humanidade. Nós todos somos Édipo, o homem que desconhece o seu passado e que resolve o enigma da Esfinge porque para ele só existem homens (não existe um Absoluto), que voluntaristicamente anseia pelo futuro e, assim, sem passado e só crendo no homem, presumindo que todo o futuro pode ser seu, faz do futuro o destino mais tenebroso possível. No jovem Eduardo Lourenço, o conceito de «modernidade» ou de «homem moderno» resulta, assim, do cruzamento entre os dois conceitos anteriores — decadência e sentimento do trágico.

O oitavo capítulo — 1955-1957 — aplica à história da poesia e da crítica literária portuguesas esta concepção de «modernidade», desvalorizando a geração da Presença face à geração de Orpheu e iniciando assim a fundamentação teórica que levará à escrita, em 1960, do seu polémico artigo «Presença ou a contra-revolução do modernismo português».

O nono capítulo elabora a genealogia do conceito de «irrealismo prodigioso» — entre 1949 e 1958 — como contributo essencial de Eduardo Lourenço para a caracterização da personalidade do povo português, conceito que mais tarde, em 1978, com o artigo

«Psicanálise mítica do destino português», se tornará amplamente conhecido.

O décimo capítulo apresenta as conclusões, desdobradas em dez pontos centrais, deste ensaio sobre a teoria de Eduardo Lourenço.

Finalmente, a segunda parte enuncia as regras metodológicas que constituem a habitual hermenêutica de Eduardo Lourenço.

Sintra, 23 de Dezembro de 2001.

ÍNDICE GERAL

<i>Apresentação</i>	11
---------------------------	----

I

O JOVEM EDUARDO LOURENÇO 1945-1958

1. 1945-1946: literatura sem filosofia — crítica literária em <i>Vértice</i>	19
2. 1947: o ano da revolução intelectual do jovem Eduardo Lourenço	31
3. 1948: primeiro projecto filosófico geral: a simplicidade de espírito	37
4. 1949: segundo projecto filosófico geral: o espírito de heterodoxia	45
4.1. O que é o espírito de heterodoxia	45
4.2. Da teoria do tempo à metafísica da acção	50
4.2.1. Negação da absoluteidade do tempo	50
4.2.2. Tempo e dialéctica	63
4.3. O espírito de heterodoxia aplicado à cultura portuguesa (I)	74
5. 1951: ano da aplicação generalizada do espírito de heterodoxia ...	83
5.1. O espírito de heterodoxia aplicado à cultura portuguesa (II)	86
5.2. Nova teorização do conceito de liberdade	88
5.3. Primeira teoria geral da poesia	91

6. 1952: <i>cogito negro</i> : do espírito de heterodoxia à arracionalidade do mundo	99
7. 1952-1956: análise da filosofia existencialista — nova interpretação da história da filosofia	109
7.1. Introdução	109
7.2. Nova interpretação da história da filosofia	112
7.3. A emergência do conceito de «trágico»	122
8. 1955-1957: interpretação da história da poesia e da crítica literária portuguesas da primeira metade do século XX	131
8.1. Introdução	131
8.2. Relação entre tempo e modernidade — o espírito de decadência	133
8.3. Interpretação da história da poesia portuguesa da primeira metade do século XX	141
8.3.1. <i>Orpheu</i> — o «fogo negro» da história da poesia portuguesa	141
8.3.2. Relação entre <i>Orpheu</i> , <i>Presença</i> e o movimento surrealista	147
8.4. Interpretação da história da crítica literária portuguesa da primeira metade do século XX	156
9. 1957-1958: a emergência do conceito de «irrealismo histórico» como definidor do ser português	169
9.1. Introdução	169
9.2. Genealogia do conceito de «irrealismo histórico»	171
9.2.1. 1949-1956: origem do conceito de «irrealismo histórico»	171
9.2.2. 1957: o «irrealismo» na poesia portuguesa	178
9.2.3. 1958: o «irrealismo» nas Forças Armadas e na sociedade portuguesa	183
10. 1958: dez pontos conclusivos sobre o pensamento de Eduardo Lourenço aos 35 anos — «Apocalipse ou anunciação»	193

II

A HERMENÊUTICA DO JOVEM EDUARDO LOURENÇO

1. O método interpretativo do jovem Eduardo Lourenço	207
2. Aplicação do mesmo método a diferentes áreas do saber	211
2.1. 1948: aplicação à literatura	211
2.2. 1951-1957: aplicação à poesia	214
2.3. 1954: aplicação à filosofia	220
2.4. 1958: aplicação às Forças Armadas portuguesas	224
<i>Bibliografia</i>	227
<i>Índice onomástico de filósofos que influenciaram o jovem Eduardo Lourenço e de autores portugueses</i>	241
<i>Índice de quadros</i>	245

Acabou de imprimir-se
em Fevereiro de dois mil e três.

Edição n.º 1006806

www.incm.pt
E-mail: dco@incm.pt
E-mail Brasil: livraria.camoes@incm.com.br